

CABRINI-GREEN EXISTIU¹

Uma análise crítica sobre *A Lenda de Candyman* (2021)

Luccas Pinheiro Lopes²

Ellen Alves Lima³

RESUMO

A pesquisa busca questionar a forma que a comunidade de Cabrini-Green foi transposta para as telas do cinema em *A Lenda de Candyman* (Nia DaCosta, 2021). O filme aborda o processo de gentrificação social nos Estados Unidos que marginalizaram as pessoas negras que moravam em Cabrini-Green. Para isso, vamos utilizar a metodologia *Análise Crítica da Narrativa* de Motta (2013), nos atendo a forma que o filme representou esse grupo exterminado. Assim, questionamos se a obra participa do conceito de Folkmídia. Partimos de um viés que trabalha questões raciais, com autores como Achille Mbembe (2016) e Grada Kilomba (2019). Por fim, reconhecemos que a diretora negra, Nia daCosta, com a coprodução de Jordan Peele apresentaram diversos detalhes sobre essa comunidade ao longo do filme de horror.

PALAVRAS-CHAVE

Horror; Folkmídia; Negritude; Cinema.

INTRODUÇÃO

O gênero do horror é historicamente associado aos monstros como vampiros, mortos-vivos, seres de outros mundos e criaturas criadas em laboratório. *O Mistério de Candyman* (1992) e *A Lenda de Candyman* (2021) de Nia DaCosta, nos apresenta um monstro pouco representado que é a gentrificação. Desde sua origem literária através do conto de Clive Barker, *The Forbidden* (1986), as histórias de *Candyman* são localizadas em bairros esquecidos pelo poder público, o que dá liberdade para crimes acontecerem e

¹ Trabalho apresentado para o GT 03 – Folkmídia e processos Midiáticos, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. Graduado em cinema pela Universidade Estácio de Sá. Contato: luccas.lplopes@gmail.com.

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. Mestre pelo Programa Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, graduada em Cinema pela Universidade Estácio de Sá. Contato: ellen2000.a.l@gmail.com.

lendas urbanas surgirem. Quando aconteceu a adaptação para o cinema, além de ocorrer em um bairro esquecido, ele também assume a pele de um homem negro, adicionando mais camadas e complexidade para o personagem.

A Lenda de Candyman (2021) é um filme dirigido, escrito e produzido por Nia DaCosta, consta também com Jordan Peele em sua produção que se preocupa com representatividade negra e questões sociais em seus filmes, além de ser o primeiro homem negro a ganhar um Oscar de melhor roteiro original. O filme não somente carrega o protagonismo negro na frente das câmeras, sua produção também consta com pessoas negras.

A diretora nos apresenta além do espírito vingativo de *Candyman*, apresenta a gentrificação que é somada a esse espírito. As lembranças do bairro antigo de Cabrini-Green alimentam lendas urbanas, que antes existiam para proteger seus moradores de possíveis violências, e recentemente se tornaram histórias para dar medo na nova classe média do bairro.

O intuito deste trabalho é analisar a maneira que *A Lenda de Candyman* (2021) transpõe o bairro Cabrini-Green para as telas do cinema de horror com personagens negros sem estereotipá-los. Assim apresentamos a história do bairro de Chicago, Cabrini-Green, ao realizarmos a análise fílmica entendendo como a locação e os diálogos do filme contam a história das pessoas que moravam nesse bairro.

METODOLOGIA

Para realizar a nossa análise utilizamos a metodologia de pesquisa apresentada por Luis Gonzaga Motta em seu livro *Análise Crítica da Narrativa* (2013). A obra nos entrega ferramentas para assistir a um filme, ou uma obra audiovisual, e analisar os elementos narrativos mais relevantes para o nosso trabalho. Ao pensarmos no nosso estudo de caso, estamos com um olhar mais atento para a projeção da gentrificação que o bairro Cabrini-Green sofreu. Após essa fase o trabalho demonstra o seu caráter mais teórico, utilizando a parte crítica da metodologia de Motta (2013), então relacionamos os elementos encontrados com conceitos de autores como Achille Mbembe (2016) e Grada Kilomba (2019).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Achille Mbembe (2016), uma das formas que a soberania exerce seu poder é a partir da territorialização, determinando quais territórios prosperam e quais são negligenciados. Nas palavras de Mbembe, “soberania significa ocupação, e ocupação significa relegar o colonizado a uma terceira zona, entre o status de sujeito e objeto” (2016, p. 135). Em Cabrini-Green, a lógica da soberania se manifestou na transformação do bairro: casas temporárias foram substituídas por moradias permanentes, projetadas para moradores brancos, enquanto os antigos residentes foram marginalizados e esquecidos.

A narrativa de *Candyman* (2021) reflete essa história, utilizando Cabrini-Green como palco para um horror que não é sobrenatural, mas social. Diferentemente de outros filmes de terror onde o "mal" surge de terras amaldiçoadas ou cemitérios indígenas, aqui o verdadeiro vilão é a negligência do poder público. O filme expõe como a gentrificação e o abandono estatal transformaram Cabrini-Green em um espaço de dor e exclusão, reconfigurando a vida de seus moradores.

A gentrificação não apaga apenas espaços físicos, mas também histórias. No filme, os grafites são símbolos de memória e resistência, conectando os moradores às suas identidades. Como Cida Bento (2022) destaca, a memória coletiva é moldada por interesses que decidem o que lembrar ou esquecer. Assim, os grafites de *Candyman*, com frases como “doces para um doce” ou com a imagem de seu rosto, remetem a homenagens às vítimas da necropolítica, práticas similares às vistas no Rio de Janeiro, onde murais lembram vítimas da violência policial (Gomes, 2023).

Candyman transcende a representatividade nas telas. Como bell hooks (2019) argumenta, o cinema tem o poder de ressignificar identidades marginalizadas, oferecendo aos espectadores a possibilidade de imaginar futuros diferentes. *A Lenda de Candyman* (2021) utiliza o horror não apenas para provocar medo, mas como ferramenta de resgate histórico e resistência cultural, abordando as injustiças sociais de forma crítica.

Para abordarmos o conceito de Folkmídia recorreremos a obra *Metamorfose na Folkcomunicação* (2012). A partir desse livro compreendemos que Folkmídia parte do princípio de que conteúdos de entretenimento ou materiais de jornalismo podem projetar

histórias de grupos marginalizados esvaziando a sua riqueza de detalhes e valor político, sendo assim, apropriação.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Nos Estados Unidos, anos após a Segunda Guerra Mundial, o crescimento populacional agravou a demanda por moradias. A segregação habitacional foi ainda mais intensificada por novos projetos que reservavam casas permanentes e bem localizadas para famílias brancas, enquanto as famílias negras recebiam moradias temporárias, próximas aos centros urbanos e a seus locais de trabalho. Entre esses projetos estava *Cabrini-Green Homes*, construído na década de 1960 em Chicago.

Cabrini-Green Homes exemplifica o abandono deliberado de comunidades negras por parte do poder público. Embora tenha abrigado majoritariamente famílias afro-americanas, a falta de manutenção dos edifícios, a negligência das forças policiais, e o aumento da violência e criminalidade levaram ao colapso do bairro. Nos anos 1990, os prédios começaram a ser demolidos para dar lugar a construções mais modernas, destinadas a atrair moradores de classe média e alta, o que encareceu a região e forçou o deslocamento das populações mais pobres.

Nia DaCosta situa a narrativa de *A Lenda de Candyman* (2021) em dois momentos de Cabrini-Green: antes e depois da gentrificação. A "antiga Cabrini" é apresentada como um espaço marginalizado pelo poder público, enquanto a "nova Cabrini" simboliza o impacto da gentrificação, com prédios luxuosos que excluíram os moradores originais. A cena inicial, onde Sherman Fields (Michael Hargrove) é brutalmente assassinado pela polícia, conecta o horror fictício ao racismo estrutural que marcou a história do bairro.

Carrol (1999) define o horror como uma expressão das angústias de uma era, dividindo-o em natural e artístico. DaCosta utiliza essa dualidade ao unir o horror real da gentrificação e da violência racial ao terror cinematográfico, transformando *Candyman* em um símbolo de resistência e memória.

O filme apresenta Anthony McCoy (Yahya Abdul-Mateen II) e Brianna Cartwright (Teyonah Parris), um casal que ascendeu socialmente e vive em um prédio construído onde antes eram os prédios de *Cabrini-Green Homes*. Anthony, ao investigar a lenda de Candyman, é confrontado com as injustiças enfrentadas pelos antigos

moradores. Grada Kilomba (2019) explica que o racismo institucional impede a ascensão social de pessoas negras, o que torna a trajetória de Anthony ainda mais significativa, embora sua história revele como o passado continua a influenciar o presente.

DaCosta trouxe um diferencial significativo à saga ao ressignificar Candyman como um guardião das lendas urbanas. Enquanto os filmes intermediários da franquia o reduziram a um assassino slasher, DaCosta, em colaboração com Jordan Peele, evitou estereótipos do homem negro violento, humanizando o personagem. Candyman não é apenas uma figura de vingança; ele se torna um símbolo de resistência coletiva e um reflexo das injustiças enfrentadas por pessoas marginalizadas. Essa abordagem dialoga com Stuart Hall (2013), que defende que a representatividade só é alcançada ao desafiar discursos hegemônicos.

Uma das contribuições mais significativas do filme é expandir a mitologia de *Candyman*, atribuindo-lhe uma ancestralidade coletiva. Ele deixa de ser apenas Daniel Robitaille, o filho de escravizados morto no século XIX, para incorporar histórias de outras vítimas de violência racial, como Sherman Fields, Girl X e Dantrell Davis. Essa transformação reflete o conceito de "colmeia" (*The Hive*), onde múltiplos Candymans coexistem como símbolos de dor e resistência de gerações.

CONCLUSÃO

A Lenda de Candyman (2021) se destaca por sua capacidade de entrelaçar ficção e realidade ao retratar Cabrini-Green, um bairro real de Chicago, com suas histórias e vidas marcadas por políticas de exclusão. A demolição do conjunto habitacional simbolizou o apagamento da memória de seus moradores pelo poder público, mas Nia DaCosta, ao recriar digitalmente o espaço e dar vida às suas histórias, imortalizou esse passado no imaginário cinematográfico.

Por meio de sua narrativa e estética, *A Lenda de Candyman* (2021) denuncia a negligência estatal, a violência racial e a desumanização de corpos negros, ao mesmo tempo em que celebra a memória coletiva e a resistência cultural. Como observa Cida Bento (2022), a escolha do que lembrar e o que esquecer molda a cognição social, relegando algumas vidas à marginalidade e privilegiando outras. DaCosta desafia essa

lógica ao transformar *Candyman* em um símbolo de justiça e memória, ampliando a complexidade do horror racial.

Além disso, o filme oferece uma poderosa reflexão sobre representatividade. Como hooks (2023) e Hall (2013) destacam, o ato de desafiar narrativas hegemônicas não apenas permite que comunidades marginalizadas se vejam na tela, mas também ressignifica seus papéis na história, rompendo com os discursos de dominação. DaCosta resgata a ancestralidade e a identidade negra, utilizando o horror como um meio de educar, provocar e inspirar.

Candyman não é apenas um filme de terror; é uma obra que reverbera questões sociais urgentes, utilizando o cinema como um espaço de memória e resistência. Dessa maneira, observamos que a obra se contrapõe a ideia de apropriação em busca por lucro discutida pelo conceito de Folkmídia. Nesse sentido, a relevância de *A Lenda de Candyman* (2021) vai além da tela, destacando-se como um marco no gênero do horror racial e como um convite à reflexão sobre as injustiças que persistem em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARROL, Noel. **Filosofia do Horror ou Paradoxos do Coração**. São Paulo: Papirus, 1999.

GOMES, Edlaine de Campos; BIZARRIA, Julio; BAPTISTA, Juliana. **Quem Pode Ser Lembrado? Homenagens mortuárias em contexto de políticas de morte**. Mediações: Revista de Ciências Sociais, Londrina, UEL, vol. 28, n.1, p. 1-22, 2023.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices** (Culture, Media and Identities series), 2.ed. California: Sage, 2013.

HOOKS, Bell. **Cinema Vivido: raça, classe e sexo nas telas**. São Paulo: Elefante, 2023.

_____. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**; tradução Jess Oliveira. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LANGSTON LEAGUE (ed). **Candyman the official companion guide: a thematic exploration**. [S.l]: Langston League, 2021. Disponível em: <https://www.candymanmovie.com/impact/syllabus/> Acesso em: 20/01/2025

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte. **Revista Arte & Ensaios**, n. 32, p. 123-151, dez-2016.

MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme. **Metamorfose na Folkcomunicação**. São Paulo: Editae, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.